

### Voto de pesar a Vasco Pulido Valente

Portugal perdeu um dos seus dos maiores historiadores, de espirito irreverente, que fazia questão de escrever e de dizer o que pensava, o que para ele era expectável e racional.

Mesmo quando se referia a amigos e/ou companheiros de partido, era um pensador livre, e como tal agia pela escrita. Quem não se lembra do maior crítico de Cavaco Silva nas colunas do Expresso, mesmo sendo militante do PPD-PSD, e mais atualmente contra António Costa no jornal Observador e no Público, sendo um defensor de Pedro Passos Coelho, que considerava um grande estadista.

Quem não o conhece como um dos maiores historiadores do século XIX, crítico político, político, escritor, cronista, professor universitário, co-encenador... tantas outras que ficam por desvendar numa pessoa de espirito inquietante.

A sua independência intelectual fê-lo mudar de nome por seu livre arbítrio, aos 17 anos, por não gostar do seu verdadeiro nome, Vasco Valente Correia Guedes, que recebeu à nascença em 21 de novembro de 1941, em Lisboa.

Em 1962, era ele estudante de Filosofia na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, quando, contra o salazarismo, integrou um grupo de esquerda radical chamado MAR – Movimento de Ação Revolucionária –, liderado por Jorge Sampaio.

Vasco Pulido Valente viria, porém, a aproximar-se do grupo “O Tempo e o Modo”, dos católicos Alçada Baptista e João Bénard da Costa (onde aliás também acabaria por colaborar Jorge Sampaio).

Colaborou na publicação académica “Quadrante” (revista da Associação Académica da Faculdade de Direito de Lisboa, iniciada em 1958) e na revista “Almanaque” (1959-61), e foi colaborador assíduo da imprensa desde a década de 1960.

Ganhou uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian, nos finais dos anos 60, para concluir o doutoramento em História, na Universidade de Oxford, em Inglaterra, a qual terminou em 1974 com o trabalho final intitulado “O Poder e o Povo: a Revolução de 1910”, cada vez mais convicto de que, se não tivéssemos tido o 25 de Novembro, Portugal entrava num terrorismo.

Lecionou no Instituto Superior de Economia da Universidade Técnica de Lisboa, no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa e na Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa. Foi investigador coordenador aposentado do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Foi autor de vários livros sobre temas da História e factos políticos, incluindo ainda várias biografias.



Handwritten signature in blue ink, likely belonging to Vasco Pulido Valente.

Com a vitória da Aliança Democrática nas eleições legislativas de 1979, foi chamado a integrar o VI Governo Constitucional, dirigido por Francisco Sá Carneiro, como Secretário de Estado da Cultura.

Em 1986 foi apoiante de Mário Soares na sua primeira candidatura presidencial, por quem tinha uma admiração pessoal e uma profunda amizade.

Em 1995 foi eleito deputado à Assembleia da República pelo Partido Social Democrata.

Desde 1974 destacaram-se as suas colunas de análise política nos jornais, que fizeram dele um dos mais interessantes cronistas, muitas vezes considerado polémico. Colaborou assim com os jornais O Independente, Expresso, O Tempo, Diário de Notícias e a revista Kapa. Escreveu durante cerca de uma década para o Público, tendo escrito no Observador de 2016 a 2017. Foi também comentador do Jornal Nacional (TVI). Em 2017 parou de escrever por motivos de saúde, mas retomaria em 2019 a colaboração com o Público até à sua morte.

Foi co-argumentista dos filmes "O Cerco", de António da Cunha Telles (1970) e "Aqui d'El Rei!", de António Pedro Vasconcelos (1992), e argumentista do filme "O Delfim", de Fernando Lopes (2002).

Escreveu obras tais como *O poder e o povo: A revolução de 1910* (1976); *O País das Maravilhas* (1979); *Estudos sobre a crise nacional* (1980); *Tentar perceber* (1983); *Às avessas* (1990); *Retratos e auto-retratos: ensaios e memórias* (1992); *Os devoristas: a revolução liberal (1834–1836)* (1993); *Esta ditosa pátria* (1997); *Os militares e a política: 1820–1856* (1997), *A República «Velha» (1910-1917)* (1997), entre outros, e sempre atuais.

Morreu no dia 21 de fevereiro de 2020, aos 78 anos.

Neste sentido, os eleitos do PSD propõem à Assembleia Municipal de Setúbal, que delibere na sua sessão ordinária de 28 de fevereiro de 2020.

- o Prestar um minuto de silêncio pelo falecimento de Vasco Pulido Valente.
- o Remeter o presente voto à sua família

Pela bancada do PSD na Assembleia Municipal de Setúbal

*Vasco Pulido Valente*  
*Assunto funeral da Ant.ª Família*  
*Vasco Pulido Valente*  
*Leite Isabel Xabes Rodrigues Vilhena*